

## PROJETO DE ENSINO G.I.L. - GRUPO DE ESTUDOS EM IMPROVISACÃO LIVRE, EXPERIMENTALISMOS E CONCEPÇÕES MUSICAIS CONTRA-COLONIAIS: UM RELATO DAS AÇÕES PRO PLURIVERSALIDADE

MILENA ELEUSINA FAGUNDES DE ASSUNÇÃO<sup>1</sup>;  
DANILO SALVADE MAROSTEGA<sup>2</sup>; GABRIEL RODRIGUES SOARES<sup>3</sup>;  
RICARDO FERREIRA DA SILVA<sup>4</sup>;  
FELIPE MERKER CASTELLANI<sup>5</sup>; MAITÉ DE ÁVILA COSTA<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – milenaeleusina@outlook.com<sup>1</sup>

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – motoca.sm22@gmail.com<sup>2</sup>

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – gabriel.rsoares@hotmail.com<sup>3</sup>

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - compositorricardosilva@gmail.com<sup>4</sup>

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – felipemerkercastellani@gmail.com<sup>5</sup>

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – levinasun7@gmail.com<sup>6</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar sobre ações que vêm sendo realizadas através das práticas musicais que partem do projeto de ensino intitulado G.I.L – Grupo de estudos em improvisação livre, experimentalismo e concepções musicais contra-coloniais realizado no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl).

O seu desenvolvimento que se dá no campo dos Bacharelados em Músicas, é realizado pela interação entre musicistas acadêmicos, sob orientação do Prof. Dr. Felipe Castellani, fomentada por uma práxis de circularidade onde o ensino-aprendizagem é pautado nas epistemologias e musicalidades afro-diaspóricas. O projeto vem buscando problematizar através de discussões e práticas musicais a necessidade da decolonialidade do modelo eurocêntrico das grades decolonização nas grades do curso de música.

As ações são acompanhadas por uma formação crítica, através de referenciais teóricos afro-diaspóricos para aprendizagem de uma escuta descolonizadora. Pensadoras como GOMES; Nilma Lino (2019), Kilomba; Grada (2019) e Bento; Cida (2022) oferecem subsídios para debatermos a centralização histórica do modelo eurocêntrico nos currículos da música e logo na relação de ensino e aprendizagem, com o objetivo de se debater o racismo epistêmico, onde se é definido o conhecimento que irá partir do centro e quais serão jogados a invisibilização. Também é objetivo identificar as “pedagogias das emergências” (GOMES; 2019) através da construção de espaços que visam a transformação desse contexto de monocultura.

### 2. METODOLOGIA

O projeto de ensino G.I.L – Grupo de estudos em improvisação livre, experimentalismo e concepções musicais contra-coloniais, vem trabalhando por meio da realização de pesquisas criativas e em conexão com o projeto de pesquisa Som, racialidade e território: perspectivas afro-diaspóricas - UFPEL (CNPq), cuja coordenação também é realizada pelo Prof. Dr. Felipe Castellani e tem como participação, acadêmicos da música e da área das artes.

A metodologia que instrumentaliza as ações do grupo vem de uma práxis educadora que visa a circularidade de ideias e o respeito do lugar político de seus participantes, sendo alimentada por referenciais que proporcione o questionar do pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022) que de forma histórica veio a construir um sistema de privilégios para pessoas brancas e logo uma monocultura nas na universidade, atingindo os campos de conhecimento, inclusive a música.

As ações foram desenvolvidas através de encontros semanais para discussões das leituras de textos voltados a autores negros e negras engajados luta antirracista e na discussão acerca do racismo epistêmico. Tais leituras foram realizadas previamente, para a promoção de diálogos críticos em relação ao tema. Em consonância, foram realizados encontros que alimentaram a pesquisa criativa de maneira coletiva e de forma individual de cada participante, visando como resultados intervenções musicais e audiovisuais decoloniais, embasados nos referenciais estudados, para construção das performances de improvisação livre e experimentalismos musicais.

A formação crítica através de leituras volta-se à construção de uma pesquisa acadêmica e criativa conectada ao campo social e engajada em contribuir com a transformação do contexto de monocultura através da interação musical com agentes da cultura popular e na participação em eventos acadêmicos na área da música. Como método de registro e combate de apagamento de memória, tais ações estão ganhando registros no formato audiovisual e em formato de pesquisa acadêmica.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho realizado pelo projeto de ensino G.I.L – Grupo de estudos em improvisação livre, experimentalismo e concepções musicais contra-coloniais está em atuação e vem somando a algumas discussões no campo da música, da decolonialidade e da luta antirracista através da construção de performances para intervenções musicais.

Através dos estudos teóricos e circularidade de ensino-aprendizagem, mediado pelas epistemologias e práticas musicais afro-diaspóricas, o projeto vem construindo um espaço de interação musical de nome Gil convida, realizado na ação onde o mestre griô Paulo Romeu<sup>1</sup> (diretor musical do Grupo de Música e Dança Afro-Sul e coordenador do Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomode) foi o primeiro convidado a construir uma performance para o evento acadêmico de pesquisa em música “Novas Tríades”, promovido pela Universidade Federal de Santa Maria.

Gerando assim a performance Gil Convida Paulo Romeu Deodoro<sup>2</sup> (2022) onde a prática de improvisação musical contou com a participação de acadêmicos do curso de música da UFSM com instrumentos de orquestração. Estar em circularidade desconstruindo padrões recorrentes nas grade curriculares dos cursos de música. Estar em dialogicidade com o experimentalismo musical pautado nas musicalidades afro-diaspóricas e junto aos fazedores de cultura que preservam

---

<sup>1</sup> Para conhecer mais sobre o mestre griô Paulo Romeu Deodoro acesse:  
[https://www.ufrgs.br/encontrodesaberes/?page\\_id=706](https://www.ufrgs.br/encontrodesaberes/?page_id=706)

<sup>2</sup> Assista a performance completa do Gilb convida Paulo Romeu no congresso Novas Tríades - UFSM.  
Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=xzWDH0KFbbM>

os saberes de matriz africana é afrontar tais padrões de lógica do ensino ocidental de música, hegemônico nas universidades brasileiras de forma a tensionar sua descentralização.

Modelos que historicamente coloca em verticalização a construção de saberes, impondo uma relação de vazio do futuro e jogando à margem as demais formas de ciências, de produção de vida, onde de acordo com Kilomba (2019) nessa hierarquização os demais saberes são classificados como dos "outros raciais".

Caminhar em busca de uma práxis universitária que potencialize a pluralidade faz parte do princípio de ética do cuidado, que se faz possível através do rompimento com as grades da colonização que privilegia culturas e marginalizam outras. Se faz necessário se movimentar na universidade através de um projeto que visa a descolonização do conhecimento e o combate do apagamento de memória. É importante que a universidade compreenda o perigo de uma história única (NGOZI, 2009) pois "...a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade". (KILOMBA, 2019).

Ademais como resultado e visando essa busca por descolonização de conhecimento, o projeto de ensino também vem tecendo diálogos transdisciplinares com outras disciplinas, como a exemplo com o curso de dança. Assim como levando as abordagens de improvisação livre, experimentalismo e concepções musicais contra-coloniais para as mostras de composição da UFPEL e demais eventos acadêmicos do centro de artes como a mais recente intervenção sonora na mostra cultural do projeto UNIFICA - UFPEL.<sup>3</sup>

Por fim, o resultado que os/as integrantes do grupo também vem a destacar é a manutenção da autoestima provocada pela prática de improvisação musical, que é um espaço de experimentação que trabalha a autonomia de quem participa, que não parte dos moldes eurocêtricos da academia e sua recorrência com a partitura.

#### 4. CONCLUSÕES

As considerações finais sobre as práticas musicais que o projeto G.I.L vem desenvolvendo, através de ações que se utilizam das ferramentas conceituais analíticas, como a interseccionalidade (CRESHAW, 1989) para articulação do grupo de estudos em improvisação livre, experimentalismo e concepções musicais contra-coloniais conectada ao estudo crítico de demais frentes teóricas, são perspectivas de produção acadêmica inovadoras no fazer musical estabelecido na academia. Pois, as práticas musicais e reflexivas que partem das discussões propostas pelo grupo contribuem para a construção de um espaço de pluriversalidade e traçam possibilidades, onde as discussões teóricas e as práticas se atravessam pela construção de um espaço universitário coletivo para que venha ser realizado o exercício da descolonização do saber, do exercício ético e artístico.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, N.L. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017.

---

<sup>3</sup> Assistir completo através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=uJzp2VvDA80&t=4757s>

AKOTIRENE, C. Cruzando o atlântico em memória da interseccionalidade. IN: AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Org. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Ed. Polén; Sueli Carneiro. 2019.

KILOMBA; G. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

BENTO, C. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.